

DOI: 10.17234/SRAZ.66.12

UDK: 930.85(469)

Original scientific paper

Recebido a 2 de maio de 2020

Aceite para a publicação a 18 de outubro de 2021

Sebastianismo e modernidade. Acerca duma reformulação possível do pensamento sebástico

Bálint Urbán

Universidade Eötvös Loránd, Budapeste

urbanbalintmail@gmail.com

O fenómeno da modernidade sempre constituía uma questão profundamente problemática na cultura portuguesa. Partindo da condição controversa do processo da modernidade em Portugal e da sua relação complexa com o mito sebástico, o estudo acompanha a formação de uma linha de pensamento antisebástico que interpreta o mito como um certo obstáculo do projeto emancipatório moderno para que depois possa verificar a emergência de uma reinterpretação atual do sebastianismo nas obras de Paulo Borges e Miguel Real. Para analisar o retorno do mito sebástico no pensamento destes dois autores recorre-se ao conceito da democracia por vir, elaborado por Jacques Derrida.

Palavras-chave: sebastianismo, mito, modernidade, pós-modernismo, messianismo

O ponto de partida desta reflexão é a questão da relação complexa entre o processo socioeconómico e científico-político da modernidade e a narrativa mítica de D. Sebastião. Segundo a lógica iluminista e racionalizante do movimento emancipatório da modernidade (Weber 2004: 13), os mitos constituem um obstáculo, uma sobra arcaica e pré-moderna na tessitura da cultura que trava e desacelera o avanço sociocultural e impede a realização e a consumação própria do projeto emancipatório. A modernidade iluminista baseando-se na onnipotência da razão quer acabar com os mitos, quer livrar e purgar a cultura das forças míticas através da dominação total do *Zweckrationalität*, uma racionalidade teleológica que sempre supõe alguma finalidade definitiva (Cascardi 1995: 16), e deste modo acaba por criar o seu próprio mito, o mito da razão e do progresso moderno (Dussel 1993: 7) que propõe a superação do pensamento mítico, arcaico e irracional. A questão e a problemática que surge no ponto de encontro destes dois mitos é a seguinte: será que da perspetiva da nossa atualidade, ou seja, dum momento histórico-cultural em que o fracasso da grande metanarrativa da modernidade racionalizante e iluminista parece ser uma evidência (Lyotard 1989), poderíamos pensar na continuação do projeto emancipatório no quadro de uma modernidade alternativa de inspiração portuguesa que se baseia nas forças míticas

do pensamento sebastianista? Será que o mito sebástico através do seu horizonte messiânico poderia constituir a base de uma outra modernidade destituída da herança da negatividade inerente que fazia parte do projeto da racionalização (Adorno/Horkheimer 2006: 12)? Para poder responder estas perguntas temos que analisar brevemente o processo do desenvolvimento da própria modernidade em Portugal e a sua relação com o mito sebástico.

Nas observações de Max Weber a modernidade ocidental desenvolveu-se com mais rapidez e eficácia nos territórios nortenhos do continente europeu, onde a ideologia do protestantismo conseguiu estabelecer-se com mais firmeza, e teve um impacto profundo nas mentalidades e nas formas de pensar a relação entre o indivíduo, o trabalho e a salvação, tendo efetuado assim, duma forma dinâmica, a própria transformação da economia (Weber 2005: 4-5). Do ponto de vista da teoria weberiana da modernidade, Portugal fazendo parte do sul católico, é um país onde a realização do projeto de desenvolvimento enfrentou certas dificuldades. O facto de que a cultura portuguesa na altura do início da modernidade ocidental estava imersa não só num certo dogmatismo religioso e político cujo sintoma principal era o poder inquestionável da igreja católica e a instituição da inquisição (Santos 1999: 49), mas também numa rede complexa de narrativas míticas com uma mentalidade profundamente messiânica e pré-moderna, evidentemente complicou e dificultou a afirmação da racionalidade e da razão instrumental moderna na paisagem socio-cultural e económico-política do país.

A relação controversa entre Portugal e a modernidade, e a afirmação problemática do progresso científico, tornou-se mais acentuada graças à situação ambígua do país no sistema mundial. Como Boaventura de Sousa Santos (2001: 42) descreveu, a posição de Portugal no sistema mundial do capitalismo global é uma posição confusa e paradoxal, tendo em conta que perante as suas colónias o país se representava como um autêntico centro imperial moderno e bem desenvolvido, porém, do ponto de vista dos poderes centrais do continente europeu era visto como um território periférico, num estado subdesenvolvido, quase intacto da revolução da modernidade. Essa posição contraditória e perversa na dinâmica do mundo avançado, essa identidade paradoxal entre as representações extremas dum Próspero moderno e racional, e um Caliban atrasado, selvagem e primitivo, fez com que a modernidade fosse uma questão bem complexa e caótica para Portugal, uma vez que o país tinha conservado as dicotomias primordiais e constitutivas da mentalidade moderna – indústria/agricultura, conservadorismo/progresso, natureza/técnica, tradição/futuro, pensamento mítico/razão instrumental – num estado bastante ambíguo. Tudo isto resulta que no caso de Portugal, depois dos tempos gloriosos, económica e culturalmente prósperos dos quinhentos, enfrentamos uma modernidade profundamente problemática e o país torna-se numa cultura que basicamente tinha falhado o projeto da modernidade (Ribeiro 2004: 15). Tendo falhado os acontecimentos decisivos da fundação da modernidade – como, por exemplo,

a reforma religiosa, a revolução científica e a inscrição da filosofia cartesiana e da abordagem racional da existência no campo epistemológico – Portugal não conseguiu avançar devidamente no projeto emancipatório, „entrou num longo período histórico dominado pela repressão ideológica, a estagnação científica e o obscurantismo cultural” (Santos 1999: 49), o que permite que possamos falar duma certa versão débil da modernidade que Boaventura de Sousa Santos denomina modernidade bloqueada (1999: 51).

A partir do século XIX, em consequência das revoluções liberais e das tentativas de estabelecimento duma sociedade burguesa, Portugal teve que enfrentar duma forma assustadora o atraso na consumação do projeto moderno (Lourenço 2007: 30). Graças à consciencialização deste atraso socio-cultural começou a surgir uma série de pensadores que questionaram a legitimidade do mito sebástico e passaram a interpretar o sebastianismo como um elemento nocivo que impede o progresso e a afirmação evidente da modernidade. Para pensadores como Agostinho de Macedo, Oliveira Martins, António de Sousa Silva Costa Lobo, Sampaio Bruno, e já no século XX, Lúcio de Azevedo, António Sérgio, Joel Serrão, Eduardo Lourenço e Boaventura Sousa Santos, o sebastianismo e o mito sebástico, além de ser uma aberração mental e uma condição patológica coletiva do imaginário político-cultural, é um obstáculo que teria de ser removido do corpo da nação para que um Portugal saudável e essencialmente moderno pudesse nascer. O mito sebástico, da perspetiva dessa linha de pensamento antisebastianista que a partir das revoluções liberais acompanhou o desenvolvimento da cultura portuguesa, é o símbolo de uma certa estagnação, ou paralisia geral, a alegoria da „não resposta de Portugal ao avanço científico, religioso, cultural e económico da Europa Ocidental” (Real 2014: 235).

Dando mais um passo para frente na história da relação do pensamento sebastianista e a modernidade, chegamos ao evento fundador de um Portugal democrático e pós-moderno, à Revolução dos Cravos e à consequente reestruturação da paisagem sociocultural. A rutura epistemológica do 25 de abril enfrentou Portugal com uma forte crise de identidade. Com o encerramento definitivo do grande ciclo histórico que começou com a expansão ultramarina no século XV e terminou com a independência das colónias africanas no ano da revolução, Portugal teve que abdicar da sua identidade imperial, teve que reformular a sua imagem e auto-representação cultural que durante vários séculos se alimentava da ideia dum grande império ultramarino e da missão cultural envolvida na expansão imperial (Lourenço 1999: 68). Este questionamento identitário implicou um ataque amplo contra toda aquela mitologia nacional que contribuiu para o sustentamento da antiga identidade imperial e a cultura portuguesa virou-se contra os seus próprios mitos. Como o mito de D. Sebastião é uma das narrativas míticas mais profundas e mais complexas da nação, ou como António Quadros (2001: 364) formulou, „a mais poderosa, original e persistente mitogenia de que há talvez memória em terra portuguesa”, este obviamente se tornou num dos alvos principais do exorcismo mitológico-identitário do período

pós-revolucionário. A literatura e as artes plásticas dos anos 80 e 90 estão repletas de tentativas de demitificação e dessacralização que tencionaram desconstruir o mito e afastá-lo da cultura portuguesa. Essa tendência mitocrítica que reflete uma certa agressão paródico-satírica (Ribeiro/Ferreira 2003: 21) resume-se na sua forma mais pura e mais lapidar na frase de Manuel Alegre „É preciso enterrar D. Sebastião” (Kleiman 1996: 109). Segundo a lógica do poema alegriano *Abaixo el-rei Sebastião*, Portugal tem que enterrar o grande fantasma imperial para poder chegar à rejeição da narrativa imperial e à possibilidade da reformulação da identidade num novo contexto geopolítico e cultural. A recuperação do atraso cultural de que uma série de pensadores sonha desde a eclosão do Romantismo só pode ser realizado através deste enterro simbólico do rei mítico e do mito (Lourenço 1999: 58-59).

Para o novo milénio, graças a esta atividade desconstrutiva e profanizadora da era pós-revolucionária, parece que chegamos „à fase completa do esgotamento da lenda sebástica” (Marinho 2003: 42). No entanto, nos últimos anos verifica-se uma reativação dinâmica do pensamento sebastianista que deixa entrever os contornos de uma reinterpretação e uma reformulação atual da ideia sebástica. Sem qualquer dúvida, os livros de Paulo Borges e Miguel Real constituem as manifestações mais notáveis dessa tentativa de repensar as possibilidades do sebastianismo e de reformular dum modo afirmativo, criativo e positivo a herança cultural do mito sebástico. Parece que o espectro de D. Sebastião exorcizado e enterrado pela cultura pós-25 de abril está voltando mais uma vez para assombrar a nação. Só que a spectralidade de D. Sebastião, desta vez, em lugar de constituir um entrave que impede a consumação do projeto da modernidade e amarra Portugal a um passado mítico e glorioso, articula-se como o motor de uma modernidade alternativa através da reinscrição do messianismo no discurso cultural.

Paulo Borges e Miguel Real basicamente partem da mesma suposição, segundo a qual estamos vivendo num tempo crítico tanto no paradigma sociocultural ocidental como na história da nação portuguesa (Borges 2013: 15; Real 2014: 14-15) e sugerem que a reativação produtiva de certas vertentes do pensamento sebástico e um retorno criativo ao mito, poderiam constituir uma certa linha de fuga e uma saída alternativa da crise epistemológica e ideológica do presente. Borges argumenta que o pensamento sebástico através da ideia do Quinto Império conserva uma mensagem ética fundamental, o que aponta para „um novo paradigma civilizacional holístico, em termos espirituais e culturais, que reúna, preserve e sintetize a um nível superior o melhor, e mais característico de todas as culturas e civilizações planetárias” (2013: 15), enquanto Real, corroborando esta força ética do sebastianismo, enfatiza a existência duma vertente positiva do sebastianismo na possibilidade duma crença na felicidade individual e coletiva contra a opressão direta e velada das elites e a imobilidade social. Na sua opinião, „o sebastianismo se postula como motor ético de recomeço, ou acto voluntário de uma nova acção individual e colectiva, em direcção a um desejado (e sonhado, porque nunca vivido) estádio futuro de ampla justiça social” (2014: 22).

Partindo das reflexões e das sugestões de Paulo Borges e Miguel Real passo a demonstrar como é que uma certa mentalidade sebastiana produtiva poderia constituir, através das suas vertentes positivas e afirmativas, o ponto de partida de uma modernidade alternativa de inspiração portuguesa.

Jacques Derrida, no seu livro lapidar *Os Espectros de Marx*, elabora uma crítica aguda das narrativas pós-modernas do esgotamento e do fim irrevogável do processo e da ideologia emancipadoras da modernidade. O filósofo francês questiona sobretudo a interpretação vastamente popularizada de Francis Fukuyama que concentra na ideia hegeliana da consumação da história e que supõe que a história moderna, ou seja, aquele movimento de autorrealização do *Geist* europeu de que Hegel fala, chegou à fase terminal com a dissolução da União Soviética e o conseqüente triunfo das democracias liberais e do capitalismo global nas matrizes euro-atlânticas, tendo sido realizados assim os objectivos originais e utópicos do projeto moderno (Derrida 2006: 16-17). Derrida (2006: 81) contrapõe à essa ideia, segundo a qual o ideal da história em termos hegelianos foi cumprido, o conceito da “democracia por vir”. Na sua opinião, a história não terminou com o estabelecimento e a consolidação dos sistemas democráticos liberais e capitalistas. Para defender esta concepção da não aceitação do fim, Derrida introduz a ideia da “democracia por vir” (usando e abusando um jogo de palavras entre o porvir como futuro e horizonte, e a expressão verbal „por vir” que supõe uma realização ou uma chegada futura) que não é outra coisa de que uma abertura infinita para aquilo que haverá de vir, uma abertura infinita para a alteridade, uma abertura infinita para o futuro. Derrida, na verdade, reinscreve o horizonte messiânico e escatológico na cultura e na política quando enfatiza que não podemos ver a democracia liberal como a realização final e perfeita do projeto moderno. Na sua leitura, a democracia é sempre “por vir”, ou seja, é um horizonte para o qual temos sempre de caminhar, um evento cuja chegada temos sempre que esperar, isto é, uma promessa autêntica que sempre contrapõe ao *status quo* político-social um horizonte messiânico. A “democracia por vir” define-se como

this absolutely undetermined messianic hope at its heart, this eschatological relation to the to-come of an event and of a singularity, of an alterity that cannot be anticipated. Awaiting without horizon of the wait, awaiting what one does not expect yet or any longer, hospitality without reserve, welcoming salutation accorded in advance to the absolute surprise of the *arrivant* (...) messianic opening to what is coming, that is, to the event that cannot be awaited as such, or recognized in advance therefore, to the event as the foreigner itself, to her or to him for whom one must leave an empty place, always, in memory of the hope. (Derrida 2006: 81-81)

É nesse ponto que o sebastianismo e a ideia do Quinto Império se entrelaçam com o conceito derridiano da democracia por vir e são capazes de emergir como uma espécie de motor ético do futuro de uma modernidade ainda não terminada e consumida. Um novo pensamento sebastianista, como Paulo Borges e Miguel

Real sugerem, seria capaz de reinscrever no discurso simbólico da cultura portuguesa o horizonte messiânico perdido, assim se poderia chegar a uma nova ideologia da esperança, a uma esperança numa modernidade alternativa sempre aberta ao futuro, sempre aberta ao outro, sempre aberta à alteridade e sempre aberta à emancipação. A ideia fulcral do pensamento sebastianista, a do Quinto Império, deveria ser repensada de acordo com as sugestões de Derrida e poderia ser o discurso cultural da democracia por vir. O espectro de D. Sebastião que desde vários séculos assombra a cultura portuguesa fala sobre a necessidade da esperança, sobre a necessidade da reativação do tempo messiânico e revela a possibilidade de uma modernidade alternativa baseada na ideologia da promessa.

Bibliografia

- Adorno, Theodor Wiesengrund; Horkheimer, Max (2006). *Dialektik der Aufklärung. Philosophische Fragmente*, Frankfurt am Main: Fischer Taschenbuch Verlag.
- Borges, Paulo (2013). *É a Hora! A mensagem da Mensagem de Fernando Pessoa*, Lisboa: Círculo de Leitores.
- Cascardi, Anthony J. (1995). The disenchantment of the world, in: *The Subject of Modernity*, Cambridge: Cambridge University Press, pp. 16-71.
- Derrida, Jacques (2006). *Specters of Marx. The State of the Debt, the Work of Mourning and the New International*, London-New York: Routledge.
- Dussel, Enrique (1993). *O Encobrimento do outro: a origem do mito da modernidade. Conferências de Frankfurturto*, Petrópolis: Vozes.
- Lourenço, Eduardo (1990). *Nós e a Europa ou as duas razões*, Lisboa: Imprensa Nacional-Casa da Moeda.
- Lourenço, Eduardo (1999). *Portugal como Destino seguido de Mitologia da Saudade*, Lisboa: Gradiva.
- Lourenço, Eduardo (2007). *O Labirinto da Saudade. Psicanálise Mítica do Destino Português*, Lisboa: Gradiva.
- Kleiman, Olinda (1996). Réactivation et dégradation d'un mythe: lé sébastianisme dans l'oeuvre de Manuel Alegre, in: *La littérature portugaise. Regards sur deux fins de siècle XIXe et XXe* [Org. Piwnik, Marie-Hélène], Bordeaux: Maison des Pays Ibériques, pp. 97-117.
- Lyotard, Jean-François (1989). *A Condição Pós-Moderna*, Lisboa: Gradiva.
- Marinho, José (2003). *Nova interpretação do Sebastianismo e outros textos*, Lisboa: Imprensa Nacional – Casa da Moeda.
- Real Miguel (2014). *Nova Teoria do Sebastianismo*, Lisboa: D. Quixote.
- Ribeiro, Margarida Calafate; Ferreira, Ana Paula (2003). Apresentação, in: *Fantasmias e Fantasias Imperiais no Imaginário Português Contemporâneo* [Org. Ribeiro, Margarida Calafate; Ferreira, Ana Paula], Porto: Campo das Letras Editores, S.A., pp. 9-29.
- Quadros, António (2001). *Poesia e Filosofia do Mito Sebastianista*, Lisboa: Guimarães Editores.

- Santos, Boaventura de Sousa (1999). *Pela Mão de Alice. O Social e o Político na Pós-modernidade*, Porto: Afrontamento.
- Santos, Boaventura de Sousa (2001). Entre Próspero e Caliban: Colonialismo, Pós-colonialismo e Inter-identidade, in: *Ser e Estar: Raízes, Percursos e Discursos de Identidade* [Org. Ramalho, Maria Irene; Ribeiro, Antonio], Porto: Afrontamento, pp. 23-87.
- Weber, Max (2004). *The Vocation Lectures*, Indianapolis / Cambridge: Hackett Publishing Company.
- Weber, Max (2005). *The Protestant Ethic and the Spirit of Capitalism*, London / New York: Routledge.

Sebastianism and modernity. Towards a possible reformulation of sebastical thinking

The question of modernity has always been challenging in the history of the Portuguese culture. Starting from the controversial character of Portuguese modernity, the present study analyzes the dynamics of the relation between the failed project of modernity and the myth of King Sebastião, one of the most powerful mythical narratives of the cultural identity of Portugal. Since the period of Romanticism we have witnessed the emergence of a certain line of thought which sees an authentic deadlock of the modernization project in the myth. After the Carnation Revolution which led to a deep reformulation of the frames of identity, the myth of the legendary king has become the center of a strong mytho-critical attack. Despite the exorcism of the post-revolutionary times we can see the return of the mythical thought in the works of important Portuguese thinkers, such as Paulo Borges and Miguel Real. This work refers to Jacques Derrida's theory of democracy to come to interpret the reemergence of the sebastical myth.

Keywords: myth, modernity, postmodernism, sebastianism, messianism

